

Freire diz que não pune idéias

Depois de 16 meses à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, o educador Paulo Freire, autor de um método de alfabetização polêmico, reafirma as suas certezas. As palavras "fizemos o melhor índice de aprovação da década" são ditas com a mesma ênfase dada à frase "o dever do educador é respeitar a cultura do edu-

cando", seu conselho característico. Aos professores da rede municipal prometeu, até o fim de sua gestão, o Estatuto do Magistério e a jornada única de trabalho. Em termos de salários, avalia: "Não estamos bem". Sobre a bibliografia do próximo concurso de professores, defendeu a inclusão de dois

livros de sua autoria. O secretário prometeu que renunciará imediatamente ao cargo, se ficar provado que tenha punido alguém por discordar de suas idéias. E o tempo na secretaria já lhe permitiu uma descoberta: "O PT não inventou a rede escolar". A seguir, a entrevista concedida a Leonardo Trevisan.

Concurso exigirá livros do secretário

Estado — Depois de um ano na secretaria, o senhor ainda ameaça "brigar" com os professores que corrigem alunos?

Freire: Acho que sou um cara relativamente inteligente e não poderia fazer essa afirmação, porque é inviável a vida sem correção, sem autocorreção. Nosso dever de educador é respeitar o mundo, a cultura do educando, porque não se pode pensar em percepção de mundo sem linguagem. Para ensinar o chamado padrão culto, era preciso primeiro respeitar o chamado padrão inculto — o da "criança popular" —, que chamei e continuo chamando assim, para espanto de meia dúzia de gente. É claro que a professora tem o dever de ensinar que é "nós chegamos" e não "a gente chegamos", sem assustar o menino. O lápis vermelho, o zero arredondado dificultam a aprendizagem, diminuem e aterrorizam o educando. Era isso que dizia.

Estado — O professor da rede não estaria um pouco confuso com as técnicas de alfabetização? Na gestão da professora Guiomar Namo de Mello empreendeu-se uma tentativa de introdução das idéias de Emilia Ferreiro, depois abandonada. Agora é o seu método. Como analisa essa constante mudança?

Freire: Primeiro gostaria de dizer que, em nossa primeira avaliação, constatamos que fizemos o melhor índice de aprovação da década. Eu sempre costumo dizer que o PT não inventou a rede escolar; o PT chegou em um momento da história dessa rede e entrou nesse processo. É legítimo que tente deixar sua marca. Não se pode entender esse índice sem que se compreenda, por exemplo, que a gestão da professora Guiomar, foi fundamental para isso. Ela introduziu Emilia Ferreiro, e nós não a expulsamos. Eu diria, sem vergonha de perder a humildade, que estudar Paulo Freire é indispensável para entender alfabetização. Nós temos princípios e objetivos, mas queremos uma escola com criatividade.

Estado — Qual é a sua opinião sobre os Cieps?

Freire: Acho o Ciep uma idéia excelente, que já se encontra um pouco no Anísio Teixeira. Aliás, eu gostaria que se respeitasse



Cláudio Granchi Sobr./AE

Freire: elogio em Estocolmo

esse homem, não dá para dizer que Anísio já era. Hoje tenho posições diferentes do grande mestre Anísio, mas é preciso compreender Anísio no seu tempo, no que significou de proposta progressista neste País. Mesmo a Escola Nova, coisa de que se fala com tanta generalidade, que tem uma história de mais de duzentos anos, merece respeito. Os Cieps são um pouco dessa herança.

Estado — Os índices de violência e de destruição das escolas diminuíram em sua gestão?

Freire: Vinham diminuindo, mas de uns 15 dias para cá cresceu o índice de violência. O meu chefe de gabinete trouxe dados preocupantes. Cresceu o número de procura de merendas nas escolas, de jovens que ficam ao redor das escolas porque perderam o emprego. Não tenho dados exatos ainda.

Estado — Professor, e a questão do salário dos professores?

Freire: Todos nós gostaríamos que o salário fosse três vezes maior do que é hoje. Veja bem, a administração Erundina fez o que nem sempre as administrações fizeram, o que não quer dizer que estamos bem. Com o aumento por 20 horas de trabalho semanais, um professor sem formação universitária ganha Cr\$ 13.168,13; é preciso ver que isto é a disponibilidade da administração. Quando assumimos, esse salário correspondia a

30", do salário mínimo do Diéese e hoje é 75". Mas a melhoria real virá com a criação da jornada única e com o Estatuto do Magistério. Esta é a nossa promessa: até o fim da gestão terei um estatuto discutido com professores e entidades.

Estado — E a bibliografia do próximo concurso dos professores? Pelo menos 17 obras indicadas estavam afinadas com o seu pensamento. Como o senhor considera a crítica do conteúdo ético dessas indicações?

Freire — Só estou respondendo isso em respeito a você, que está olho no olho, defronte de mim, me fazendo essa pergunta. Porque não diria nada sobre isso, porque é uma forma minha de ser, e quem ficar me atacando para ver se me zango vai perder seu tempo. Começo dizendo que sou um cara muito preocupado com a ética por "n" razões, entre elas a de que para mim é impossível viver sem ética. Em segundo lugar, porque é impossível fazer política sem ética, educação sem política, educação e política sem poder, e poder sem ética. Confesso que não fiquei espantado quando vi que na bibliografia havia dois livros meus, bons livrinhos. Faz um mês, recebi a comunicação da Associação Internacional de Leitura que me escolheu para receber o prêmio de citação meritória em Estocolmo, pela contribuição que um desses livrinhos deu às questões de leitura. Esse livro é traduzido por várias universidades americanas e, quando é citado aqui num concurso, se diz que perde a ética. Será que os professores de 18 universos lingüísticos que cobrem o mundo podem ler os livros de um autor brasileiro, e os educadores brasileiros não? Será que estamos indo com a polícia à rede fazer sabatina sobre o que escrevi na página 10 do Pedagogia do Oprimido? Eu entregaria esta secretaria na hora em que a imprensa chegasse aqui e provasse a punição de uma professora ou de uma diretora que não estivesse de acordo comigo. De jeito nenhum, isso é o oposto, é o antagônico de mim. Eu tinha a impressão de ser mais conhecido no meu País; dificilmente um negócio desse se dirá de mim em Nova York, Tóquio ou Moscou. E diz-se em São Paulo,

Leonardo Trevisan, editor do jornal "O Estado de São Paulo", pergunta: